

Etnografia da “Cidade Prisional”: Por uma análise das “Favelas

*Helmano de Andrade Ramos**

*Rosilene Dias Montenegro***

O presente estudo descreve e se insere, não apenas sobre a estrutura arquitetônica da favela da ‘Penitenciária Regional do Serrotão’, mas também sobre a origem individual, de quem transforma o interior das prisões em suas cidades, de quem o resignifica do seu imaginário externo, e de quem o reorganiza sob às diferentes regras de moradias.

Palavras -chave: Favelas, Imaginário, Prisões.

The present study aims at describing and deeply interpreting not only the architectural structure that backs the slum of the ‘Penitenciária Regional do Serrotão’, but also the origins of the individuals, who transform that prison into another city, who return to their external liberty imaginary, and who recognize the difference in living rules.

Key words: Slum, Imaginary, Prisons.

Teoricamente, concebemos como Clifford Geertz, que “a etnografia é uma descrição densa”, de fazer natural em todos seus níveis, através de um “estranho desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos escrito não com os sinais convencionais do som¹”, que mais fundamentalmente podem ser considerados “exemplos transitórios de comportamentos modelados” e que finalmente podem ser analisados, descobertos e explicados dentro de uma metodologia interdisciplinar.²

* Mestrando em Desenvolvimento Regional (UEPB); Licenciado e Bacharel em História (UFCG); Professor da rede Estadual de Ensino. E-mail: helmanoandrade@yahoo.com.br

** Doutora em História (UNICAMP); Diretora do Centro de Humanidades (UFCG); Professora da U-AHG/UFCG; Membro dos Programas de Pós-Graduação em História (UFCG) e em Desenvolvimento Regional (UEPB).

¹ Constantes referências aos sons dos medos e das mortes, bem como de rebeliões, sob fatos que como marcantes são relembrados e esquecidos por parte dos presos.

² GEERTZ, Cliford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1989, p. 20.

Através de um esforço intelectual para descrição densa, de acordo e para revelar “um código publico”, socialmente estabelecido, por meio de “partícula de comportamento, um sinal de cultura e - *voilà* – um gesto” e que, via-de-regra, também revela resultados diferentes do que espera, mas que vê a realidade como própria, sem direção determinada e seguindo suas próprias criações e imaginações.³

Pois além de conter uma estrutura “semiótica”⁴, tem por ponto principal uma abordagem da cultura, e a tensão entre penetrar na ação simbólica do objeto e as exigências técnicas pelo aprender, a analisar “quanto mais longe vai o desenvolvimento teórico, mais profunda se torna a tensão”.⁵ Sendo assim, essencial escolher um significado e amarrá-los na teia através da análise experimental e interpretativa para a busca do significado por nós mesmos tecidos.

É nesse sentido que “não há qualquer razão para que seja menos formidável na estrutura conceptual de uma interpretação cultural”, exceto a frequente necessidade de teoria em que “pequenos vãos de raciocínios tendem a ser efetivo em antropologia”.⁶

Abre os pavilhões 7hs da manhã, o cara vai jogar bola, o cara tira a cadeia dele todinha meu irmão, sabe, nesse lance de jogar bola, passa 10/15 anos meu irmão o cara inda sonhando em ser um craque o cara sai de lá com a mente do tamanho da mente de um rato.⁷

É sobre os apenados da “Favela”, sobretudo de quem “Raminho” nos fala que os identificando e ao mesmo tempo, colocando-os em um lugar de alienação a que seus destinos passam a ser ligados no momento em que integram as estatísticas institucionais do sistema carcerário que aqui, cabe-nos tratar.

“Favela” é a resignificação dada pelos apenados da “Penitenciária Regional do Serrotão” e utilizadas comumente em todo ambiente interno do presídio para indicar o espaço dos detentos do regime fechado, e que trazidos do imaginário

³ *Idem*, p. 16.

⁴ *Idem*, p. 15.

⁵ *Idem*, p. 35.

⁶ *Idem*, p. 34.

⁷ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, apenado em regime de Albergado, ou seja, do sistema semi-aberto. Nessa modalidade de cumprimento da pena o apenado passa o dia fora da Penitenciária e retorna à noite.

externo, torna a cadeia a composição de cidade, e nesse sentido relaciona; o pátio, área entre os pavilhões, aos bairros, e as celas às casas.

De forma que, embora o imaginário dos detentos reflita as estruturas vividas externamente, logo expõem e se identificam à realidade e as normas desta nova e específica cidade. Sendo assim, em consonância com a expressão de seus códigos éticos e de conduta no interior de tal área e nos valendo especialmente dos dias de visitas e do contato com detentos, iretores e agentes a possibilitarem tais relatos, obtivemos tais níveis de informação.

Que contam e que têm sua relevância em termos científicos, justamente por estarem na ordem das práticas cotidianas e ordinárias, se tomarmos como referência as discussões sobre a história oral, bem como acentuarmos sua legitimidade em termos historiográficos, etnográfico, antropológico ou sociológico⁸. Para que os próprios detentos entre suas histórias, memórias, esquecimentos, desvios e intenções, contem partes de suas experiências internas no interior de tal instituição, revelando com isso práticas mais densamente disseminadas no interior de tal presídio⁹.

Espaço onde seus participantes são flutuantes, a atividade que as provoca é discreta - um processo particularizado, a partir da situação que as congrega e do local onde estão situadas “todavia trata-se de uma forma e uma forma articulada”, através de preocupações culturais que se elevam até “a celebração da rivalidade status - que não apenas especificam o enfoque, mas o colocam em primeiro plano”¹⁰. Por entidades sociológicas que Goffman chama de “reunião concentrada procurando o nome de algo insuficientemente consistente para ser chamado de grupo, e insuficientemente desestruturado para ser chamado de multidão”¹¹ - um conjunto de pessoas absorvidas num fluxo de atividade comum e se relacionando uma com as outras em termos desse fluxo”¹².

⁸ Nascimento da sociologia pela necessidade de se investigar temas “excêntricos”

⁹ E que pode alterar de acordo com os determinados tipos de sistema, mas que de certa forma, traz na situação da penitenciária agrícola do “Serrotão” uma análise condizente com uma realidade existente em temas mais abrangentes.

¹⁰ GEERTZ, Clifford. *Op. cit.*, p. 34.

¹¹ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

¹² GEERTZ, Clifford. *Op. cit.*, p. 290.

É no passar da história das estruturas, para a história das representações práticas, que a historiografia multiplicou as questões em debate, tentando identificar os vários discursos conflitantes, escolhas, compromissos, proximidade da história e ficção, mas que nunca questionou¹³, sua busca pelo verdadeiro Paul Ricoeur¹⁴ e Michel Certeau¹⁵, tempo presente e presença da história.

“A dimensão onde os ramos da história e da memória se entrelaçam é a história oral, a história da diversidade produzindo influências do passado e memorando sobre o presente”¹⁶. Sob o poder de uma memória coletiva que trata das manipulações do poder em todos os seus níveis¹⁷.

Olhando o local, sem buscar o geral¹⁸, mas principalmente sem hierarquização das fontes, já que “os achados não são privilegiados, apenas particulares”¹⁹, fornecendo a mente material de especificidade complexa na localidade e circunstancialidade, através do “peneiramento” qualitativo de participantes confinados, sob o qual o geral se flexibiliza.

Não se questiona especificamente o caso de se fazer história com apenados, nem muito menos o fato de se confiar plenamente neste tipo de fonte, contudo aqui todos valem igualmente, o documento e a interpretação, o esquecimento e a desconfiança ou burla das verdades²⁰.

Essa foi à forma que a história oral se forneceu, por “arquivos provocados”²¹, recordação, memória, lembranças transformadas, a justificar suas posições, então a história oral busca essas categorias, passando a palavra aos esquecidos. Para que aqui, estes descrevam os espaços que habitam cotidianamente, mas

¹³ Talvez a exceção seja a escola nominalística ou pós-estruturalista.

¹⁴ RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 2007.

¹⁵ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. 2ª ed. Petrópolis. 1994.

¹⁶ AMADO, Janaína(org). *Usos e Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV editora. 2006.

¹⁷ Em linguagem Foucaultiana, disseminada por todas as camadas da pirâmide.

¹⁸ Embora não deixe de se interessar por este e o referenciar.

¹⁹ GEERTZ, Clifford.. *Op. cit.*, p. 33.

²⁰ Para Carlo Ginzburg, o falso também explica praticas efetivas

²¹ AMADO, Janaína(org).. *Op. cit.*, p. 28.

também trazendo à tona entre os fatos, práticas²² culturais que contam e explicam formas de dominação entre os poderes, saberes e ressignificações principalmente simbólicas, esse é o caso específico da favela.

De longe além das montanhas por trás das luzes pra lá também do infinito existe uma cidade que pra falar a verdade foi pelo mundo esquecida, as casas dessas cidades são chamadas de pavilhões em cada um, mora cem presos que sem sabedoria nem visão ficam distante da realidade e foi morar em uma cidade aonde não existe perdão.²³

Marcos, ao referenciar a “favela” como uma “cidade sem perdão”, traz a tona um sentido específico de suas regras cotidianas, mas que apenas nas visitas cede lugar a um ambiente propício a comunicações e a principal fonte de saber sobre os poderes vigentes no interior de tais instituições, pois se torna possível, a ida a cada local entre pátio, pavilhões e celas individuais e coletivas do seguro e da favela²⁴, sendo este o objetivo mais específico do trabalho, a descrição interna de cada compartimento que compõe o espaço designado pelos apenados como a favela²⁵, por meio das referências vigentes nas memórias destes sobre tais compartimentos.

No “Serrotão”, a favela tem seu início na cozinha dos apenados²⁶, referendada da seguinte forma,

Então essa história de dizer que a cozinha, pelo menos... Pelo menos aqui no estado da Paraíba, é o lugar que é o coração da cadeia, não é, é o lugar de pessoas que subiram por coisas erradas né cara, ou por dívidas ou por cabuetagem (sic).²⁷

Por tal motivo a referenciada estrutura se identifica à parte segura do presídio, são detentos de confiança no manuseio de objetos perigosos e que

²² Inúmeras formas de substituições, para fabricação de artefatos pelos apenados utilizados em diversos níveis.

²³ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Marcos Tatum, tatuador da penitenciária, à época habitante do individual 1, na parte segura do presídio

²⁴ Apesar do seguro, do isolado e reconhecimento, apenas violados em caso de distúrbios internos Rebeliões e assassinatos de detentos recém chegados.

²⁵ Termo disseminado entre as penitenciárias de uma forma geral

²⁶ No “Serrotão”, existem duas cozinhas; uma para a direção e visitantes, outra para os detentos.

²⁷ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

como os demais detentos do seguro²⁸ trocam seus dias de trabalho por remissões de pena e renda mensal²⁹. Todos esses aspectos a torna uma parte integrada ao presídio, embora seja a favela que o represente, em meio às lembranças de quem por lá, passou e que faz do seguro um lugar tranquilo se morar, quando preso³⁰.

Já a favela se forma por meio de uma grade de segurança estendida, a partir da cozinha formando um grande portão, utilizado para tal divisão entre os sistemas e controle do fluxo de presos entre as áreas em dias de visita, também possibilita tal divisão de sistemas.

Ao ultrapassá-la inicia-se o trânsito por entre os pátios, pavilhões, celas e campo de futebol³¹, observando o motivo de sua representação como favela por estarem ambas³², diretamente relacionada a todos os aspectos da vida do detento, uma em sua origem externa, outra internamente é espaço mais utilizado pelos detentos durante o dia, destinado ao banho de sol e recolhimento apenas para os finais de tarde para que passem a noite nos seus pavilhões e celas.

O que traz a possibilidade diária de se estabelecer interações, em termos que muitos vão jogar baralho, dominó, apostar corridas, escutar som, assistir televisão (principalmente desenhos e DVD), usar drogas (craque, maconha, cigarro, haxixe, bebida industrial). “Sempre entra no sistema de todo o Brasil, pode entrar uma bebidinha”.³³

Além de ser o local onde os detentos passam a maior parte do seu tempo é, geralmente, nos pátios, ou campos que acontecem as visitas³⁴ que como foi dito, de maior importância para o detento, e que possibilitou tais níveis de abordagens,

²⁸ Exceto alguns enfermos

²⁹ Cada três dias trabalhados, abatimento de um dia de pena e no caso da remuneração são 50 R\$ por mês, ambos direitos também concedidos aos chefes de pavilhões das favelas.

³⁰ Exceções no caso de transferências do seguro para a favela e as violentas consequências disto.

³¹ Área devoluta atrás do ultimo pavilhão da favela, frequentemente destinado bate bola e comunicados gerais.

³² A favela externa lugar de nascimento e habitat de suas famílias, e a interna ambiente que marca a vida de qualquer detento ou mesmo de policiais, diretores, agentes e pesquisadores.

³³ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Aldo Riccelli, apenado da citada Penitenciária.

³⁴ Quartas feiras e domingos, as quartas com início às 14 hs e aos domingos 07 hs, sempre com término as 16 hs.

dentro de um contexto de visibilidade única³⁵, pois segue uma disciplina pré-estabelecida, devendo-se respeitar as regras impostas pelos detentos que exercem poder, liderança ou comando em meio aos demais. Acerca do “dia de visita” nos fala “Raminho”:

Para o preso o único que existe é a quarta e o domingo, dias de visitas tipo Quarta e Domingos o cara não pode falar certas coisas na presença da visita, ele não pode tá olhando demais, pra mulher de Sicrano, mulher de fulano, o cara tem que baixar a cabeça, fingir que não tá vendo, coisa e tal desbaratar, não pode brigar, discutir, - Durante o horário de visita o cara não pode tá fazendo isso, porque depois ele vai ser chamado a ordem, quando for feita a ordem ele vai ter que pagar por aquele vacilo grande que ele deu.³⁶

Isso porque a visita é um momento que se rege e se “define” por “certo estatuto” culturalmente e oralmente transmitido que diz que “nada pode ser feito em sua presença, ou contra ela”, já que se trata de parentes que por solidariedade às causas pessoais de cada um, estão ali presente, o que acaba por isentá-los de qualquer inclinação agressiva, pois geraria, represálias após o término das visitas, quando “ele vai ser chamado a ordem” (Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Nesses dias são montadas tendas, onde ocorrem os encontros e contatos entre apenados, familiares e amigos, o que no seu em torno possibilita a comercialização de diversos produtos, principalmente alimentícios, sob concessão da direção³⁷. Os presos podem comercializar alguns lanches, sucos, refrigerantes, balas e doces para as crianças, artesanato (bolsas, bolas, carteiras), artigos produzidos no próprio interior da Penitenciária. Cada preso se reúne em grupo com seus familiares, para passar algumas horas juntos.

Fato é que o “dia de visita” faz fervilhar o interior do pátio, são movimentações e expectativas variadas que aí se encontram ou defrontam, mas que em última instância constituem dias ambíguos. Isso porque são dias de real “glória” para detentos que não possuem dívidas, são respeitados e queridos por detentos e familiares, que se juntam para fazer refeições juntos, brincar, saber de

³⁵ Abordagem através da descrição semiótica de Clifford Geertz.

³⁶ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

³⁷ Oficialização do comercio interno.

notícias destes e de pessoas próximas, em momentos de alegria em meio a um cotidiano tenso.

Então o “dia de visita” é um dia bom para as pessoas que “não possuem” dívidas, mas, para muitos, o fim da visita é o início de imensa pressão e neurose psíquica, agravadas a cada instante pelo fato de representar o momento do cumprimento dos “acordos das cadeias”³⁸ e das “cobranças” de dívida. Sobre essa situação, em articulação com o poder exercido pelas lideranças, “Raminho” comenta: “Quando os líderes, o pessoal que tá à frente, ele não tem o pulso forte, ele tem alguma coisa encardida lá no passado, quem tem furo vai morrer rapaz, morre mesmo, eles matam, matam mesmo, num querem nem saber”.³⁹

Então, para que todo o fim de visita não contemple o início de diversas mortes, para que os detentos tenham voz junto à direção, para regular a limpeza e as regras próprias das Penitenciárias, é necessário, como enfatizado por “Raminho”, um comando que se faça respeitado perante os demais apenados. O comando precisa estar com pessoas que tenham “nome” em meio à criminalidade e que exerçam seu poder como derivação do medo dos demais através de suas potencialidades criminosas, fazendo valer as regras próprias ao interior institucionais.

O comando é formado por presos antigos, conhecidos e que mantém contato com apenados e agentes oficiais, possuindo alguns benefícios oficiais pela posição de “chefe de pavilhão”, o que acaba por articular uma forma de fonte de renda oficial, dentre a gama de possibilidades marginais, via- de- regra, ligadas ao tráfico⁴⁰. Tornam-se credor de dinheiro e de produtos a juros, de pessoas que sempre devem⁴¹, estão no *hall* das pessoas que seja como for dependem dos líderes das cadeias⁴².

E que se tornam alvos das “cobranças”, efetuadas pela força física e espancamento⁴³, em casos, seguido de expulsão das celas e pavilhões (morte

³⁸ Compra ou empréstimos de dinheiro e produtos sob aluguel a serem pagos nos dias de visitas.

³⁹ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁴⁰ Drogas, armas e influência.

⁴¹ Palavra bastante comum no cárcere

⁴² Chefes de celas e de pavilhões, também conhecido por donos ou faxina por sua ligação com a limpeza de cada compartimento

⁴³ Chamados bois de cadeia, castigo.

em casos elevados, em se tratando de vingança) e do circuito de assassinatos internos que se instauram, em virtude de mortes de protegidos dos comandos⁴⁴.

Contudo, embora as visitas ocorram semanalmente e em dois dias (quartas-feiras e domingos), podem ser suspensas em algumas ocasiões, de acordo com a vontade da direção, geralmente em virtude de fugas ou assassinatos, que tanto burlam quanto fazem o sistema funcionar por dentro de outra lógica, a dos apenados e que são legitimados pelas atitudes da direção, que também se apropriam dessa outra lógica punitiva no interior institucional⁴⁵.

Os parentes se distanciam e o detento só conta consigo, recolhem-se as estruturas para o recebimento dos parentes, os detentos são recontados pelos oficiais, antes de fecharem-se os portões dos pavilhões, iniciando uma nova forma de e chamado, o da lista dos endividados. A cada pagamento um alívio, a cada acordo descumprido, violência e espancamentos, renovação de acordos sob pagamento de juro, expulsão de pavilhões e mortes em casos – aqueles que não têm renda ou não contam com a ajuda de parentes que os libere das dívidas adquiridas⁴⁶, Raminho ironicamente expressa: “Vem aquele... Vem aquela verdadeira síndrome do pânico, ele pensa que as pessoas lá tão querendo matá-lo porque ele ta devendo”.⁴⁷

Portanto, as visitas tanto acolhem um código que a rege, as isentando dos apenados, quanto apressa a vigência do código diário interno, em que as regras são de conhecimento dos apenados e sobre as quais não adianta fugir, visto que vão ser postas em xeque as atitudes dos detentos quanto ao respeito ou não das regras pré-estabelecidas, nesse sentido, os pavilhões são espaços em que a pressão psíquica pós-visitas se faz sentir diretamente.

Em resumo transformando a imagem do cárcere em uma cidade sem perdão⁴⁸.

⁴⁴ Referência a chefes de pavilhões, reconhecido como tais entre os apenados.

⁴⁵ Eis os casos de mortes de estupradores e o retorno do espetáculo punitivo do medievo

⁴⁶ Pedidos para habitação na parte segura da cadeia.

⁴⁷ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁴⁸ Marcos tatuagem “as artes do fazer no cárcere”

Emergente de tal imaginário e expresso em suas falas tendo a estrutura como cidade, contemplando os bairros e mini-ruas que são os entre pavilhões que por sua vez funciona como bloco ou quarteirão de suas celas ou casas, comandadas pelos mesmos comandantes dos pavilhões, onde o comércio lícito⁴⁹ se une ao ilícito e ao tráfico como formas de negócios corriqueiros. Daí a maior propensão no trabalho de em acreditar que o comando e as decisões no universo apenas se fazem por traficantes, assinalando-se/identificando-se perante a massa que transita e compõe os espaços da favela.

É fundamentalmente nesse setor, quando do fim de uma rebelião ou fuga, em que todos os detentos são postos nus, sentados e com as mãos na nuca, para em seguida ser dado início a contagem. Momento em que as tensões se elevam, pois são chamados todos os nomes dos apenados e os respectivos pavilhões as que pertencem.

Ocasão em que quem matou policial, quem já é conhecido pela polícia - “manjado”⁵⁰ - comandantes de rebelião, fugitivos em fugas frustradas, ficam à parte, algemados e sendo espancados, até que todos os internos entrem em seus pavilhões. Depois disso as sessões de espancamento continuam, agora no interior dos pavilhões, onde os principais colaboradores para o motim, identificados por “investigação” ou conhecimento do histórico na prisão.

Eles agrediam o cara, o cara corria pra dentro da cela, - Individual três - Todo mundo mão na parede, o cara encostava lá, tinha um cara que matou polícia, no meio ou um cara muito “manjado”, o cara já ficava de fora sendo agredido né, os outros iam pro pavilhão e o cara ficava de fora sendo agredido.⁵¹

Ainda os pátios são utilizados como esconderijos para armas como - facas industriais e/ou fabricadas artesanalmente – bebidas (que são enterradas⁵²), drogas (geralmente em menores quantidades⁵³) e associado ao código de

⁴⁹ Comercio de alguns produtos oficializados internamente

⁵⁰ Pessoas muito conhecidas nos meios marginais e oficiais pelos atos que cometeram e que se tornou de conhecimento mais amplo.

⁵¹ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁵² Para fermentação e fabricação de uma bebida alcoólica “Maria Loca”

⁵³ Maior parte nas celas dos comandos, a evitar roubos nos pátios.

solidariedade interna – o que também ocorre no interior das celas, local preferido para as reuniões de cúpula.

Donde resulta que o Pátio, juntamente, com pavilhões e celas são estruturas que mais que cidade, como observados pelos relatos de Marcos, funcionam como fábricas, que formatam uma identidade bandida de cúpula, sob a qual orbitam outras, massificadas no interior do presídio⁵⁴. Sobre estas se identifica claramente, que se trata da maioria da população carcerária, condenados por pequenos roubos, furtos, latrocínios etc. em casos seguidos de vícios.

E que internamente, se destinam a ampliar sua tentacularização no sentido do crime, por meio das relações internas e externas com outras forças criminosas e/ou oficiais que se subornam por entre os pontos de controle interno.

Isso porque na parte que divide o pátio dos pavilhões existem as calçadas que embora seja o local de repouso e conversa entre os internos, serve de pedra para confecção e afiamento dos espetos “Naifes”, a partir de restos de construções e de grades que são retirados com pedaços de serras de canos e até lâminas de barbear, para em seguida serem amolados nas próprias calçadas dos pavilhões, já que há um trânsito livre dos detentos entre os pátios e as celas, é sobre este fabrico que Raminho explica,

Então quando tem um pedaço de ferro o cara serrou aquilo ali, aquele pedaço lá de ferro, fez um espeto, fez 2, fez 3 e ele faz quantos ele quiser, desde que tenha..., tem as calçadas lá pra amolar, as calçadas, depois enterra e guarda quando precisa vai lá desenterra, quando ele precisa.⁵⁵

Em meio a toda inversão da vigilância sob os detentos e tendo a favela como a localidade onde esta menos atua em favor dos códigos internos, se tem e como em todos os presídios a vigilância freqüente⁵⁶, a se tornar um ponto também estratégico em termos oficiais entre agentes em terra e policiais em suas guaritas observando os movimentos, a fim de impedir ações suspeitas e que acaba por se particularizar no conhecimento dos “comandantes marginais pelos nomes”, daí Raminho esclarecer a relação detentos-diretores: “Tem diretores que no começo, começam brabos (sic), atiram nos detentos, mas com o passa do tempo cara,

⁵⁴ Chamados “maloqueiros”

⁵⁵ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁵⁶ Não constante

passam a ter até certa amizade com alguns apenados e através desses apenados ele vai entender o que é o dia-dia do preso, o que é a realidade de um presídio”.⁵⁷

Tal nomeação a partir da classificação individual, passa a refletir a índole do apenado, para que seja reconhecido pelo nome e pela sua posição no interior de celas e pavilhões tanto por agentes e oficiais quanto pelos detentos.

O que em movimento contrário ao imaginado em âmbito teórico⁵⁸, acaba por impor identidades e práticas, porque vincula indivíduos e suas periculosidades às celas e pavilhões, produzindo seu “nome”⁵⁹, popularizado em consonância ao seu pavilhão, cela e histórico como nos foi informado: “pavilhão três mãos na parede”.⁶⁰

Sendo assim é no interior do pavilhão de maior força é que são efetuadas ou validadas as regras próprias ao interior carcerário. Decretadas e/ou efetuadas pelo comando, que habita o interior destes, acerca dessa questão comenta “Raminho”: “São diversos pavilhões e cada pavilhão tem uma pessoa que representa”.⁶¹

Assim, temos que os apenados dividem-se hierarquicamente entre pavilhões e celas individuais, regidas por um único código, fazer cumprir as leis próprias do cárcere desde o acordar até ao adormecer, para isso ganham tanto benefícios oficiais, quanto não oficiais⁶². Porém, para ser escolhido como representante de pavilhão é preciso ser reconhecido como liderança pelos demais.

Três pavilhões individuais, ou seja, você tem mais privacidade, você pode ficar mais a vontade com a visita, você tem uma TV, um som, e, tem a questão se você for um preso velho, você vem a muitos anos dentro da sua cela, o cara tá chegando hoje da rua por um motivo ou outro o cara tá vendendo a cela dele. Eu acredito que ele tá fazendo o certo, porque ele também comprou, ele vai querer tirar o dinheiro que foi empregado, na cela a... um preso novo que tá chegando recentemente, que tem uma condição financeira melhor do

⁵⁷ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁵⁸ Pela modernidade gestora da instituição carcerária.

⁵⁹ Aqui a identificação do indivíduo se dá pelo uso do nome próprio ou um apelido que se tornou marca e que o tornou respeitado internamente, tanto pela massa dos apenados como pela direção.

⁶⁰ Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007.

⁶¹ *Idem.*.

⁶² No primeiro caso remissão de pena, no segundo possibilidade de aquisição financeira e material.

que ele, ele tá precisando do dinheiro, ele vendeu ao cara, porque ele também comprou.⁶³

Quanto aos pavilhões⁶⁴ na favela existem 9 (nove) cada um contendo 21 (vinte e uma) celas, onde, de acordo com a disposição arquitetônica, são distribuídos em: pavilhões coletivos 2/3 (dois/três) ou “especial”, 4/5 (quatro/cinco), 6 (seis), especulativamente pavilhão próprio dos assaltantes de banco⁶⁵ e individuais; 7 (sete), 8 (oito) e 9 (nove). O primeiro pavilhão é o especial⁶⁶. “Pavilhão especial que de especial só tem o nome,... Que de especial só tem o nome lá mora um pessoal que ta no purgatório, ta entre o céu e o inferno”.⁶⁷

Destina-se a detentos mal vistos ou que estão próximo de serem executados pelos demais ou que no mínimo sofrem ameaças diárias sofrem e mitigações para além de suas penas oficiais. Neste setor o detento encontra-se no “Purgatório”, pois nem pode subir, no sentido arquitetônico e cultural, para a área segura, próxima a direção, seja por falta de trabalho ou opção da mesma, muito menos descer, nos mesmos sentidos, ao convívio maior com a massa apenada.

Pessoas que não são aceitas entre os demais apenados, que em seus casos mínimos foram expulsas de seus pavilhões, contudo em termos capitais é para onde vão as pessoas condenadas por estupros⁶⁸. Assassinados em suas esquinas e mini-ruas onde se dão o espetáculo da morte, que de acordo com o código interno vigente, morre “Tarados”, assim comenta Aldo Riccelli: “Pra tarado não tem boi não, tarado na cadeia morre...”.⁶⁹

Descendo em sentido arquitetônico e cultural ao maior convívio dos apenados, se tem os pavilhões coletivos, em que os detentos convivem em conjunto com os demais, são parentes, ou pessoas conhecidas e próximas, no sentido interno e externo à cadeia. Nesses funcionam questões de bairrismos, detentos protegem

⁶³ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁶⁴ Utilizando a numeração total e que fica escrita nestes

⁶⁵ Aspecto não comprovado

⁶⁶ Coletivo 2

⁶⁷ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”.

⁶⁸ Em sendo prisão de custódia abriga apenas detentos com sentenças determinadas

⁶⁹ Trecho de entrevista realizada, em agosto de 2007, com Aldo Riccelli. Castigos de cadeias são chamados no Serrotão de bois.

outros mais próximos e dividem os objetos lícitos, ou não, no interior das celas, também, coletivas, que são abertas durante todo o tempo, e de pavilhões, que são abertos das 7hs (sete horas) até às 17h30min (dezesete horas e trinta minutos), após o jantar para recontagem e recolhimento até o dia seguinte.

São pavilhões que têm maior propensão a roubos internos e ao desvio do estatuto específico dos detentos, em virtude da quantidade de integrantes que variam para cada pavilhão, tendo sua estabilidade mantida pelos laços de parentescos e/ou amizade entre esses integrantes e, fundamentalmente, pelo controle dos “Chefes” de disciplina que nesse setor, geralmente, são em número de dois, um para cada bloco, todos os pavilhões têm controle de detentos, em menor grau no pavilhão “especial”, em grau intermediário nos pavilhões coletivos e em maior grau nos pavilhões individuais.

Quando do dia de visita íntima, especialmente nos pavilhões coletivos, são separadas as celas por divisórias internas, elaboradas com lençóis ou colchões para que o apenado possa gozar de uma maior privacidade com sua visita, divisórias improvisadas,⁷⁰ ou se decisão de uso de tais celas por vez entre os apenados, fazendo com que os outros esperem sua vez para utilizar as celas coletivas com suas visitas no pátio.

Já o pavilhão 6 (seis), embora coletivo, carrega a mística de ser de uso exclusivo de assaltantes de banco, tendo um funcionamento mais tranquilo pela homogeneização dos seus integrantes, que passa a funcionar sob regras vigentes para pavilhões individuais.

Ou seja, são celas adquiridas no interior desses pavilhões, geralmente compradas ou alugadas a detentos mais antigos, e que proporciona uma maior privacidade no que diz respeito ao cotidiano, já que os detentos têm a possibilidade de trancar suas celas, evitando invasões e roubos, mantendo seus objetos intactos.

Esses pavilhões individuais comportam, em sua maioria, detentos mais ligados ao mundo do crime e que retiram da própria Penitenciária, ou de ações burlativas, possibilidades de se manterem em termos materiais e simbólicos, já que tanto os pavilhões, quanto as celas trazem ao detento uma carga simbólica,

⁷⁰ Chamados de Quixós.

que o faz reconhecido no interior carcerário. Em termos estigmativos os habitantes do pavilhão “especial” se destacam, já em termos de influência são os habitantes dos pavilhões com celas individuais, geralmente sob comando de 1 (um) único detento, que retira deste compartimento, seu “nome”, fazendo-se reconhecido dos agentes oficiais e marginais que fazem cumprir as regras.

Hierarquicamente (em sentido arquitetônico e cultural) a habitação nos pavilhões individuais 7 (sete), 8 (oito) e principalmente 9 (nove), assumem maior importância por manter uma considerável distância da parte segura (sistema seguro) e da direção, localizando-se ao lado do campo de futebol, por onde fluem os mais diversos assuntos de interesse apenado e que tem na cela 10 (dez), uma composição simbólica, no sentido do imaginário apenado do futebol⁷¹ e, no sentido prático, pela proximidade do lugar em que são debatidos os assuntos de interesse da maioria, sendo, muitas vezes, daí que resultam rebeliões e reivindicações, sob liderança de chefes de pavilhões.

As vinte e uma celas que compõem cada pavilhão da Penitenciária Regional do Serrotão têm uma importância vital para o preso, não só porque é o local em que dorme, ficando determinado que a partir das 10hs (dez horas) entra em vigor a “lei do silêncio”, cabendo penas de espancamentos, por meio de rodas e becos formados entre os apenados para a agressão do transgressor da regra, expulsão de celas, impedimentos de realização das refeições, sendo proibido o incômodo a um companheiro de cela.

Assim, o pavilhão e a cela fazem parte do processo de homogeneização do apenado, onde este se torna conhecido, inclusive, por participações em pavilhões “especiais”, no caso o seguro, o isolado e reconhecimentos, em conjunto como alguns dos mais frequentes atos punitivos das “Faxinas das cadeias”⁷², e como funciona a associação entre apenados que fazem ser cumpridas as regras culturais destas, “lavagem de cérebro”.⁷³

Por meio de decisões próprias das categorias prisionais, que partem do Pavilhão de maior força e de acordo com as informações dos entrevistados, é

⁷¹ O meio campo, camisa 10 (dez).

⁷² Referencia tanto aos chefes de pavilhões quanto a dias de execução de detentos mal visto

⁷³ GOOFMAN, Erving. *Op. cit.*, p. 104.

aquela em que existe um indivíduo mais articulado no crime, externamente, e/ ou no interior carcerário, fazendo e se fazendo reconhecido por sua articulação e tráfico. São indivíduos que sabem e fazem exercer em todas as suas práticas determinados tipos de saberes específicos e próprios da instituição prisional.

Fechadas as portas dos pavilhões, impedindo o contato entre pavilhões e pátios, evitando o desencadear de disputas nas madrugadas, mas não entre celas de um mesmo pavilhão, o que acaba fazendo com que as celas da penitenciária, simbolicamente, se estruturam como casas próprias ou alugadas, coletivas ou individuais, o pátio esteja para o imaginário apenado como constituído por miniruas, com suas esquinas, e a “Favela” simbolize a cidade em que o apenado habita.

Portanto, ocorrem por entre celas, pavilhões e pátio uma identificação que se faz disseminada e adquirida pelas práticas cotidianas e imposição de suas regras de manutenção cotidiana.

Nesse sentido, os principais métodos utilizados para a sobrevivência no interior das celas são levados a cabo por via tática, exercidos por entre as falhas dos mecanismos de vigilância oficial e/ou fora deste, em sentido que se alastra das celas ao pavilhão, menos vigiadas diariamente, e pelos pátios, tomando corpo prático em toda a “favela”, tendo as substituições, a confecção e o desvio como fins dados à matéria prima conseguida internamente.

Ao lado do campo e de suas místicas, cujas celas do pavilhão individual 9 (nove) de maior comando arquitetônico e cultural, tem visão privilegiada, encontra-se cercando todo o perímetro arquitetônico, um muro de segurança, contendo cercas farpadas e elétricas a evitar fugas, bem como, guaritas em pontos estratégicos para vigilância e controle de apenados em certos casos. Em seu sentido superior, tendo por referência o próprio campo ou os pavilhões, existem dois muros de segurança, o que serve como criadouros de ovelhas e pasto em favor da direção, sob funcionalidade apenada, o que ao passo em que impede fugas, quando da dificuldade de escalá-los, impede também a visibilidade de detentos no interior dos pastos e de possíveis buracos feito nos “pés” do muro.

A memória como objeto de estudo histórico não é objeto inovador, contudo apenas com os historiadores social e cultural, a história oral surge sob forma inovadora, com visão mais ampla associando linguagens e artefatos em situações

onde a “historia subverteu a memória e a memória subverteu a historia”, sendo assim fez uma memória que subverte a história oral, mas que possibilita a memória converter-se em objeto e que ao contrário da defesa nominalista, explica mais, quanto menos se engasta entre os discursos sobre.

Atuando “(quando atua) desarrumando os contextos semânticos” e “como as possuindo realmente”⁷⁴, revestindo de significados que normalmente possuem outros referentes, justamente a partir das percepções do fazer, em uma forma de transferência, “que é ao mesmo tempo descrição e julgamento”, necessários para se compreender a cadeia, misturando outras analogias ao ato discursivo, bem como um trânsito entre essas dependentes da “competência comunicativa” e de sua “arqueologia do conhecimento”, formando textos híbridos.⁷⁵

Fontes

1. Entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, em agosto de 2007.
2. Entrevista realizada com Aldo Riccelli, em agosto de 2007.
3. Entrevista realizada com Marcos Antonio dos Santos (Marco Tatóo), em Agosto de 2007
4. Entrevista realizada com o diretor do presídio em agosto de 2007.

⁷⁴ GEERTZ, Clifford. *Op. cit.*, p. 315.

⁷⁵ GEERTZ, Clifford. *O saber local: ensaios em Antropologia interpretativa*, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 54.